

Os destinos de um nome na celebração de um olhar

É muito difícil resumir em poucas palavras o que foi a experiência de uma vida tão fecunda de alguém que tinha o nome de “Vida”.

Ter esse nome pode ser para celebrar a criação e oferecer aos outros essa oportunidade.

Vida foi uma das fundadoras da psicanálise de crianças no Uruguai e também em São Paulo, para onde viajou durante vários anos na década de 1970 com seu marido, o grande professor Luis Enrique Prego, para iniciar a formação de analistas de crianças dos colegas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. E poderíamos dizer que eles foram os introdutores do pensamento de Winnicott no Brasil e no Uruguai. Fato que estendiam também por meio da formação de psicoterapeutas psicanalistas em sua Clínica Prego (fundada em 1976), com os intercâmbios com os grupos do querido professor Salvador Celia em sua Clínica L. Kanner de Porto Alegre, com quem tiveram reuniões regulares durante vários anos. Dessa forma, as contribuições de Luis Enrique e de Vida se ampliavam para vários pontos do Brasil.

Vida foi uma pessoa apaixonada pelas artes, a literatura, a pintura e especialmente a poesia, a dança e a ópera.

O meu vínculo direto com Vida começou na década de 1990 a partir de contatos profissionais, de ouvi-la em congressos e seminários, de ficar surpreendido ao ver como é possível unir sensibilidade, profundidade e respeito pelo outro na escuta analítica. Dessa forma, iniciei supervisões curriculares com ela, e começou a se gestar um laço de amizade e de consonância especialmente pela articulação entre a arte e a psicanálise. No ano de 2000, recebi com surpresa o convite de Vida para que coordenássemos, juntos, um grupo de estudo sobre psicanálise de crianças. Reunimos várias pessoas interessadas, entre as quais havia colegas e amigas de diferentes disciplinas. Nesse momento, Vida tinha 84 anos de idade e, se eu não estiver errado, ela tinha pelo menos três grupos de estudo, além de outras atividades.

Este grupo se reunia às quintas-feiras em sua casa para estudar, tomar chá, experimentar os sabores de alguns bolos (feitos por ela) e da textura policromática de mil histórias que começaram lentamente a ocupar, como um invólucro continente, o espaço da reunião.

Cada reunião era uma viagem. Uma viagem pela psicanálise, por autores, por histórias de vida. Fomos entendendo sua paixão pela ópera, por exemplo, ao saber que, quando criança, adormecia com os enredos das óperas que sua mãe lhe contava como se fossem histórias. A pequena Vida se separava de sua mãe e do mundo com a voz materna envolvendo-a com histórias sobre as paixões humanas.

Vida foi nos contando sobre seu contato com a psicanálise, sua vinculação com os Baranger, a estadia, durante a década de 1950, nos Estados Unidos, em Baltimore,

quando seu marido iniciou sua formação como psiquiatra com Leo Kanner, sua relação com E. Bick, a experiência de observação de bebês, histórias com seus pacientes...

Vida publicou muito pouco. Creio que no “nosso ambiente analítico” conheceu-se apenas um trabalho dela: “A casa: cena da fantasia”¹, publicado na *Revista Fepal* como uma homenagem.

Em uma das reuniões do grupo, os nossos pensamentos giravam ao redor de um assunto recorrente: a importância do ambiente afetivo na sessão, a capacidade de metaforizar e sua relação com a sensorialidade e o pensamento, e Vida se lembrou de ter esboçado alguns desses pontos em um trabalho que se intitulava “La risa” [“O riso”³]. Esse texto descreve a análise de uma paciente adulta com elementos depressivos. Vida analisava intuitivamente, tanto as cores das roupas, quanto sua forma de se deslocar ao caminhar, metaforizando o estado emocional da paciente com uma paisagem de outono, e que a textura de suas palavras tinha uma “cor outonal”, que com o tempo e a elaboração psíquica foram mudando. Trabalho analítico, texturas cromáticas, sensorialidades, transmodalidades, capacidade de metaforização da analista que pode abrir caminhos de pensamento na paciente. Podíamos apreciar a sutil integração de uma linguagem corporal com a linguagem verbal, bem como as vicissitudes da paisagem emocional da paciente.

Sua relação com as artes abria uma sensibilidade a esses aspectos do discurso na cena analítica e na vida. Ela podia descrever, com marcada sutileza, alguns movimentos de Clotilde e Alejandro Sakharoff, dois dançarinos russos que na década de 1940 vieram ao Rio de Janeiro. Vida ia avançando em idade, mas a celebração da arte e da expressão das emoções através dela se mantinha.

Descobrimos que havia um livro de Alejandro Sakharoff, *Reflexões sobre a música e a dança* [“Reflexões sobre a música e a dança”⁴], e no final do ano de 2014 propus que trabalhássemos a contribuição da arte para pensar os processos de pensamento, e desejava usar esse livro de Sakharoff.

Um livreiro amigo me disse que possuiu o livro, durante alguns anos, e que o tinha vendido, pela internet, a uma professora de dança de Paris. Dias depois, avisou-me que tinha uma revista argentina, *Ars*, dedicada aos Sakharoff, editada nos anos 40 em Buenos Aires. Nessa revista, uma série de intelectuais da época oferecia seu depoimento sobre o impacto estético de sua arte. O surpreendente era que um deles, Antonio Berni, descrevia a plasticidade de movimentos de Clotilde Sakharoff e “a utilização das metáforas rítmicas” quase da mesma forma que Vida tinha nos transmitido.

Tínhamos a intuição de que esse texto iria acompanhar Vida em seus últimos passos na dança da vida. No dia em que lhe dei a revista sua emoção trouxe ainda mais histórias.

Durante as quintas-feiras de março e parte de abril de 2015, as histórias da relação entre a dança, a música, a arte e a psicanálise se espargiram entre nós como uma coreografia de sentimentos e pensamentos, e como uma forma de despedida.

E assim Vida morreu em 13 de maio de 2015, aos 99 anos de idade, acompanhada por seus filhos, Fernando e Carlos Enrique, suas noras (a colega Julia Ojeda), seus netos, seus bisnetos e por todos aqueles que celebramos sua passagem pela vida e que tivemos o privilégio de ouvir suas histórias, de dançar com ela pelo espaço das vivências da alma humana.

* Asociación Psicoanalítica del Uruguay.

1. Maberino de Prego, Vida (2002). La casa: escena de la fantasía. *Revista Fepal*, p. 164-179.

2. N. de T.: Fepal.

3. N. de T.: Tradução livre.

4. N. de T.: Idem.